

A GRAMÁTICA DE DAMOURETTE E PICHON – RELAÇÕES COM A TEORIA DE BENVENISTE E COM A PSICANÁLISE

BRUNO FOCAS VIEIRA MACHADO*

RESUMO

Esse artigo pretende evidenciar a importância específica conferida à gramática *Des mots à la pensée: Essai de grammaire de la langue française* de Damourette e Pichon para se pensar as bases lógicas do conceito de *enunciação*. Para cumprir esse objetivo, coloca-se a obra dos gramáticos em diálogo com as posteriores elaborações do linguista da enunciação Émile Benveniste. Esse diálogo ganha maior consistência ao se trazer conceitos da psicanálise que colaboram para o estudo contrastivo entre os autores, assim como, para esclarecer os processos enunciativos presentes na linguagem. A abordagem tecida é eminentemente teórica, confrontando conceitos de cada pensador e buscando compreender os seus respectivos pontos de interseção.

Palavras chave: gramática; enunciação; inconsciente.

ABSTRACT

This article intends to make clear the specific importance of Damourette and Pichon's grammar *Des mots à la pensée: Essai de grammaire de la langue française* in order to think the logic basis for the *enunciation* notion. In order to achieve this aim, it is put the grammars' work proceeding a dialogue with later elaborations from linguist Émile Benveniste. This dialogue achieves a deeper stability by bringing notions from psychoanalysis. It collaborates to this contrastive study between both authors and also to make clear the enunciation process in language. The approach is strictly theoretic, putting in touch notions of each author and trying to catch their points of intersection.

Key-words: grammar; enunciation; unconscious.

1. A GRAMÁTICA DE DAMOURETTE E PICHON EM RELAÇÃO COM A OBRA DE LACAN

A obra *Des mots à la pensée: Essai de grammaire de la langue française*¹ constitui uma vasta gramática redigida a quatro mãos por Jacques Damourette e Edouard Pichon. Consiste em sete extensos volumes que, segundo as informações colhidas por Arrivé (1999), formam um compêndio gramatical de uma amplitude que nenhuma outra língua além do francês jamais motivou. Cada um desses sete volumes está repleto de exemplos retirados do cotidiano, da literatura, de

* UFMG, Minas Gerais (MG), Brasil. b-machado@uol.com.br.

¹ Das palavras ao pensamento: ensaio de gramática da língua francesa.

libretos de ópera, de diversos momentos diacrônicos da língua francesa, ainda exemplos retirados da correspondência pessoal e da instrução de uso de aparelhos domésticos. Esse estilo carnavalesco e heterogêneo é coroado com um glossário dos termos específicos. Damourette e Pichon trabalharam intensamente nos volumes da gramática a partir de 1911, sendo que ambos viveram até a publicação do quinto volume.

Damourette e Pichon, respectivamente tio e sobrinho, foram uma dupla de gramáticos franceses que, a despeito de sua franca e eminente preocupação com os fatos mais propriamente da gramática, foram também lingüistas membros da Sociedade de Lingüística de Paris e, no caso específico de Pichon, igualmente um psicanalista. Na quinta lição do Seminário 6 *O desejo e sua interpretação*, Lacan (2005, p. 58) se refere a Pichon como *um de nossos psicanalistas primogênitos*. De fato, Edouard Pichon foi o primeiro lingüista a se tornar psicanalista. De acordo com os suscintos dados bibliográficos levantados por Arrivé (1999), o tio Damourette, um filólogo, e o sobrinho Pichon, psiquiatra e psicanalista, faziam parte da Sociedade de Lingüística e ali trabalhavam ativamente. Colaboraram também para a revista *Français Moderne*, que naquele tempo era um esboço de revista de lingüística francesa e Pichon publicou no *Journal de Psychologie* o artigo *A lingüística na França*. Ressalta-se o fato de que o termo *psicologia*, na época de Pichon, ainda não se referia à ciência da psicologia como se entende nos dias de hoje, sendo um termo amplo e difuso para se referir ao campo psíquico. Pichon, dessa forma, publica um texto de lingüística em um jornal que, segundo o título atesta, se ocupa das questões do psiquismo, sendo um pioneiro na interface entre lingüística e psicanálise. Pioneirismo semelhante também pode ser tributado aos gramáticos no que se refere à problemática da enunciação nos fatos de linguagem.

2. A GRAMÁTICA DE DAMOURETTE E PICHON EM RELAÇÃO COM A OBRA DE BENVENISTE: UM ENCONTRO MEDIADO POR LACAN

Tocar no sujeito da enunciação implica chamar o nome de Benveniste e as possibilidades de enlaçamento entre pontos do pensamento da dupla de gramáticos e do eminente lingüista francês são plenamente plausíveis. É digno de nota o fato de que há na gramática de Damourette e Pichon ao menos duas referências explícitas a Benveniste, mais precisamente no quinto capítulo do sexto volume da obra. Os gramáticos reproduzem e comentam um trecho da tese de 1935, *Origens da formação de nomes em indo-europeu*, pertencente à fase filólogo-comparatista do lingüista francês. Apesar da brevidade da referência, tal fato demonstra que Damourette e Pichon tiveram contato com a obra de Benveniste e que esse lingüista já era lido e reconhecido como grande filólogo durante a década de trinta. Benveniste, da mesma forma, tivera contato com a renomada gramática de Damourette e Pichon, tecendo críticas e considerações a seu respeito. O capítulo *La personne et la blocalité dans le verbe*², pertencente ao tomo IV, apresenta um

² A pessoa e a blocalidade no verbo.

minucioso estudo sobre o estatuto dos pronomes pessoais em francês e a oposição existente entre a primeira e a segunda pessoa (locutário e alocutário) em relação à terceira pessoa (delocutado). O locutário é a pessoa que fala e o alocutário é a pessoa a quem se fala. Essa última é chamada pela dupla de gramáticos como a *pessoa indiferenciada*. A respeito dessa tripartição pessoal, Damourette e Pichon assim se expressam:

*Cette manière d'envisager les choses montre assez que la personne délocutive est la physé indifférenciée du répartitionnaire, puisqu'elle est comme les deux autres une chose dont on parle, mais qu'elle ne possède en outre aucun caractère spécial.*³ (Damourette e Pichon, 1911-34, p. 398)

Tais considerações permitem uma aproximação com a fundamental oposição de Benveniste entre a categoria de *pessoa* (eu e tu) e a *não-pessoa* (ele). É relevante inclusive se perguntar de que maneira e em que medida o estudo de Damourette e Pichon sobre a tripartição dos pronomes pessoais e suas duas categorias de *pessoa* (densa e tênue) influenciaram e inspiraram Benveniste em sua teoria sobre a oposição entre a *pessoa* e a *não-pessoa*. Lacan parece ter percebido algo dessa influência dos gramáticos, pois, como atesta a pesquisa de Arrivé (1999) une o ensino de Damourette e Pichon a Benveniste precisamente a partir dessa problemática em torno da terceira pessoa. Essa união é demonstrada de forma satisfatória na vigésima segunda lição do Seminário 3 *As psicoses*, que se inicia com duas frases recolhidas por Lacan da gramática de Damourette e Pichon. Lacan, durante essa lição, evoca a tripartição pessoal construída na gramática e a constatação de Pichon (o nome de Damourette é omitido) de que o discurso sempre se dirige ao outro, ao alocutário. O próprio Lacan aponta nesse aspecto a insuficiência do paradigma discursivo centrado no *eu* e *tu* e introduz como fundamental o paradigma da dissimetria presente na terceira pessoa. Nesse ponto Lacan (1985, p. 313) evoca Benveniste e a sua *não-pessoa* e o une diretamente com as considerações sobre Pichon e sua gramática: “*Não há terceira pessoa, o Sr. Benveniste o demonstrou perfeitamente.*” Logo a seguir evoca novamente Pichon e sua gramática escrita em parceria com Damourette, e as funções da linguagem por eles descritas, repartidas entre locução, alocação e delocução. Em outras palavras, entre primeira, segunda e terceira pessoa. O prosseguimento da lição traz o leitor novamente às voltas com o *Sr. Benveniste* e seu artigo publicado no *Journal de Psychologie Normale et Pathologique* (1950) sobre a noção de *voz média* presente nas línguas indo-europeias antigas. A voz média, característica dessas línguas indo europeias antigas presente com alguma sobrevivência nas línguas vivas, se distingue da bipartição usual entre voz ativa e voz passiva. Sem entrar aqui no mérito da noção de voz média, ressalta-se que Lacan a utiliza para novamente problematizar a tensão existente entre *eu* e *tu* (pessoa) e *ele* (não-pessoa). Dessa forma, vê-se nessa lição Lacan em um movimento pendular, tratando da tripartição

³Essa maneira de examinar as coisas mostra suficientemente bem que a pessoa delocutada é o elemento indiferenciado do repartitório tripessoal, visto que ela é, assim como as duas outras pessoas, algo sobre o que se fala, mas entretando não possui nenhuma natureza especial.

pessoal da gramática de Damourette e Pichon e da tripartição pessoal presente na obra de Benveniste, em uma nítida associação entre ambas.

Há, ainda, outro aspecto da reflexão de Damourette e Pichon que, se não influenciou diretamente Benveniste, os coloca na mesma trilha conceitual: o privilégio conferido à linguagem oral em detrimento da forma escrita. Logo no início do capítulo *Role de la phonétique em grammaire*, pertencente ao primeiro volume, Damourette e Pichon (1911-27, p. 159) assim se expressam: “...on verra que la forme orale de la langue est quelque chose de plus essentiel que la forme écrite. C’est en réalité en parler oral que se déroule et se formule la pensée.”⁴ A convicção dos gramáticos sobre uma superioridade da palavra sobre a linguagem escrita também atravessa todos os escritos de Benveniste, através do que ele convencionou chamar de *linguagem ordinária*. Logo no primeiro capítulo de *Problemas de Linguística Geral I*, intitulado *Tendências recentes em linguística geral*, Benveniste (2005, p. 14) evoca o problema de os lingüistas recusarem essa linguagem ordinária do cotidiano do locutor pelo seu caráter equívoco, incerto e flutuante; e reconhece nessa mesma linguagem sua importância crucial: “Mas o objeto do lingüista é precisamente essa ‘linguagem ordinária’ que ele toma como dado e cuja estrutura inteira explora.” Damourette e Pichon enxergam ainda um paradoxo nesse princípio da oralidade, pois, segundo suas corretas e irrefutáveis observações, a linguagem dos livros comporta em geral mais fineza e precisão que a linguagem da conversação. A conclusão dos gramáticos é consideravelmente confluyente com a de Benveniste na lição evocada acima, pois todos compreendem que essa fineza e precisão do tecnicismo da linguagem escrita é justamente o que afasta a subjetividade da prática lingüística. No contexto dessa problemática, o termo *enunciação* aparece na escrita de Damourette e Pichon, o que pode ser interpretado como uma forte confluência com o princípio da lingüística de Benveniste, pelo semelhante esforço de se ligar a linguagem oral ao campo da subjetividade e da enunciação:

*L’énunciation orale a des éléments significatifs que rien ne marque dans un texte écrit: la durée et la qualité des phonèmes, l’intensité relative des syllabes, la liaison entre les mots, la rapidité du débit, la mélodie phrastique, la distribution même des pauses ne sont que très imparfaitement indiquées par la graphie.*⁵ (Damourette e Pichon, 1911-27, p. 159)

Essa filiação de Benveniste a Damourette e Pichon parece ainda mais evidenciada, ao se trazer para a discussão a expressão *sentimento lingüístico* do falante, que aparece com impressionante freqüência nos volumes da gramática. Em linhas gerais, trata-se de uma expressão utilizada pela dupla de gramáticos para

⁴ ...veremos que a forma oral da língua é algo mais essencial que a forma escrita. É, na realidade, na fala oral que se desenrola e se formula o pensamento.

⁵ A enunciação oral possui elementos significativos que não se encontram no texto escrito: a essência e a duração dos fonemas, a intensidade relativa das sílabas, a ligação entre as palavras, a rapidez da elocução, a melodia frasal e a própria distribuição das pausas são indicadas pela grafia de forma apenas imperfeita.

se referir à subjetividade do falante e à maneira como ele opera com a linguagem em seu espírito. Essa mesma expressão *sentimento lingüístico* demonstra ainda mais uma vez a importância conferida pelos gramáticos ao inconsciente no funcionamento da língua, pois ela é igualmente usada por Damourette e Pichon⁶ para se referir aos fatos de linguagem que o falante pratica sem ser dar conta dos mesmos, ou seja, de maneira inconsciente:

O mecanismo da elocução está longe de comportar apenas pensamentos conscientes; a escolha de um modo gramatical, de uma construção, até de uma palavra é muito mais inspirada pelo sentido que temos de nossa língua do que feita por um ato plenamente consciente e voluntário do nosso intelecto. Portanto, se procurarmos os elementos psíquicos representados na estrutura da linguagem, lançaremos uma luz sobre o subconsciente do sujeito falante. (Damourette e Pichon, 2005, p. 131)

3. DAMOURETTE E PICHON COM BENVENISTE: O EMPERSONAMENTO E A NOÇÃO DE PESSOA

Um segundo aspecto privilegiado na vasta gramática de Damourette e Pichon são os conceitos de *pessoa* e *emersonamento*, trabalhados particularmente no sexto capítulo do sexto volume, intitulado *Expression instrumentale de la personne*⁷. A noção de *pessoa* é um aspecto central da teoria enunciativa de Benveniste, sendo que tal conceito permite uma aproximação entre aspectos da teoria do lingüista e da dupla de gramáticos. Esse aspecto enunciativo em Damourette e Pichon está evidenciado logo na primeira frase, onde a dupla de gramáticos dá ao nome de *pessoa* à distinção que existe, no caso na língua francesa, entre o sujeito que fala (locutor), aquele para quem as palavras se endereçam (alocutário) e aquele de quem se fala (delocutário). Essa afirmativa, ainda que seja retirada de uma gramática, por si só permite o esboço da construção de uma teoria do sujeito da linguagem nos processos de comunicação. De fato, os gramáticos afirmam que os *substantivos instrumentais pessoais*, ou *pronomes pessoais*, são os substantivos instrumentais que encerram precisamente a noção de *pessoa gramatical*. Eles procedem, dessa forma, à clássica distinção entre as três pessoas gramaticais, anunciando uma diferença fundamental entre os *pronomes locutivos e alocutivos* (pertencentes ao circuito locutor e alocutário), em contraste com os *pronomes delocutivos* (referente ao delocutário).

Em linhas gerais, para a dupla de gramáticos, os pronomes pessoais locutivos e alocutivos são auto-suficientes, na medida em que a expressão da primeira pessoa (*je. me, moi*) não evoca nada, ela exprime a pessoa do locutor sem qualquer referência necessária a um contexto frasal e discursivo anterior. Damourette e Pichon (1911-40, pg. 244) esclarecem essa idéia partindo da renomada gramática de Port-Royal que assim enuncia: *On spécifie plus proprement chaque individu*

⁶Sobre a significação psicológica da negação em francês. Data original do texto: 1928.

⁷Expressão instrumental da pessoa.

*par les pronoms que par quelque nom que ce soit, parce que, lorsque je dis, par exemple, moi, il est impossible qu'on entende aucune autre personne.*⁸ Com relação aos pronomes alocutivos, se esses não possuem a mesma característica dos pronomes locutivos, na medida em que para um mesmo locutor o alocutário pode mudar em cada circunstância, a independência em relação a um contexto frasal e discursivo anteriores permanece. O alocutário, assim como o locutário, é determinado sem que haja necessidade de se referir e especificar um contexto anterior. Em contrapartida, os pronomes delocutivos (*il, elle, ils, elles, le, la, les, lui, leur*) evocam um contexto discursivo enunciado anteriormente na medida em que não se referem à situação de comunicação centrada no circuito *eu* e *tu* e clamam assim pelo recurso do discurso indireto. Um exemplo simples trazido por Damourette e Pichon (1911-40, p. 244) ilustra essa proposição: *Le jardin n'est ni très grand, ni très petit: il exige toute l'année de travail d'un homme courageux.*⁹ O *il* da frase se refere a algo previamente enunciado no discurso: o jardim.

Essa tripartição da expressão da pessoa, ainda que nitidamente embasada no aspecto gramatical da língua, prenuncia outro aspecto tratado por Damourette e Pichon que se aproxima da noção de *não-pessoa* proposta por Benveniste, que é o *empersonamento*. Após algumas páginas dedicadas à apresentação das diferenças gerais de cada uma das três pessoas nominais, o leitor é apresentado ao conceito de *personação*, que é a própria repartição e oposição entre o *plano locutório* (que engloba a primeira e a segunda pessoa) e o *plano delocutário* (que engloba a terceira pessoa). No capítulo dedicado ao estudo da *pessoa ténue*, Damourette e Pichon chamam essa terceira pessoa delocutiva de *pessoa indiferenciada*. Arrivé (1999, pp. 127) comenta que “*É tentador perceber neste o prenúncio da oposição benvenistiana entre a pessoa e a não-pessoa*”. O prosseguimento do texto de Damourette e Pichon reafirma as palavras de Arrivé, ao explicar que a primeira pessoa tende a criar um processo, a segunda pessoa assegura a realização desse processo e a terceira pessoa permanece inerte, em seu caráter primitivo de *coisa*.¹⁰

Benveniste, em *Estrutura das relações de pessoa no verbo*, constrói uma tripartição pessoal bastante semelhante à apresentada pela dupla de gramáticos, para quem a terceira pessoa tende, em suas próprias palavras, a permanecer inerte e coisificada. Para Benveniste, o *eu* designa aquele que fala e implica um enunciado sobre o próprio locutor ou, como disseram Damourette e Pichon em sua referência à gramática de Port-Royal, a primeira pessoa exprime o locutor por si só, desmembrado de um contexto. O *tu*, na construção de Benveniste, só existe em função do *eu*, pois sua existência só é possível em uma situação designada pela primeira pessoa ou, nas palavras de Damourette e Pichon, a segunda pessoa

⁸ Especificamos cada indivíduo mais propriamente pelos pronomes do que por qualquer outro nome, pois, no momento em eu digo, por exemplo, “eu”, é impossível que escutemos qualquer outra pessoa.

⁹ O jardim não é nem muito grande, nem muito pequeno: ele exige durante todo o ano o trabalho de um homem corajoso.

¹⁰ No original: “...*la première tend a créer un procès, la seconde est exhortée à en assurer la réalisation; la troisième, inerte, a son caractère primitif de chose.*” (Damourette e Pichon, 1911-40, p. 252).

assegura a realização do processo criado pela primeira pessoa, processo que posso facilmente denominar de *processo enunciativo*. Assim, por se encontrar no exterior do paradigma oposicional dialógico e discursivo do *eu-tu*, Benveniste enuncia que a terceira pessoa exprime, verdadeiramente falando, a *não-pessoa*, a forma não pessoal da flexão verbal. Essa *não-pessoa* benvenisteana tem, em suas palavras, por característica e por função constantes representar, sob relação da própria forma, um invariante impessoal objetivado e coisificado; nada mais que isso. É a pessoa inerte, em caráter primitivo de coisa, da qual falam novamente Damourette e Pichon nessa outra passagem:

*L'allocatif se comporte d'une manière analogue au locutif, dont il est, pour ainsi dire, le miroir. Pour le délocutif, le problème est plus complexe et garde, semble-t-il, un caractère proprement grammatical. Le délocutif, malgré le nom consacré de "personne" qu'on lui donne, est essentiellement une chose, la chose dont on parle.*¹¹ (Damourette e Pichon, 1911-40, p. 264)

A linha que une Benveniste aos gramáticos Damourette e Pichon pode ainda ser prolongada ao se analisar um pouco melhor o *processo enunciativo* acima exposto. Já se sabe que, para Benveniste, a linguagem sempre pressupõe o outro e que há uma *correlação de subjetividade* que une o *eu* ao *tu*. Em *Da subjetividade da linguagem* essa correlação é apresentada por Benveniste (2005, p. 286) aos moldes de uma polaridade dialógica: “*Eu não emprego eu a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um tu.*” A presença de um *eu* implica, dessa forma, a instauração de um *tu* na situação de diálogo e, concomitantemente, que o locutor se torne *tu* na alocação daquele que se designa como *eu*. A reciprocidade e a *correlação de subjetividade* entre *eu* e *tu* são propriedades fundamentais da linguagem na abordagem de Benveniste (2005, p. 286), conforme ele assim esclarece: “*...eu propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a 'mim', torna-se o meu eco – ao qual digo tu e que me diz tu.*” É ao se sustentar em assertivas como essas que o lingüista aposta na queda das velhas antinomias entre *eu* e *tu* e encontra o fundamento lingüístico da subjetividade em uma realidade dialética que englobe os dois termos e os defina pela relação mútua entre eles.

É possível se indagar de que maneira a teoria dos gramáticos Damourette e Pichon sobre a tripartição pessoal entre *locutivo*, *alocutivo* e *delocutivo* serviu de inspiração para o lingüista Benveniste construir as idéias acima expostas. De acordo com a exposição dos gramáticos, o *eu* é a personalidade central que não pode ser apenas e essencialmente concebida por sua própria natureza de locutor. Juntamente com o locutivo, o alocutivo fornece junto ao locutor um sujeito a dois termos essencial à linguagem. É nesse ponto de seus argumentos que a semelhança entre a exposição de Damourette e Pichon (1911-40, p. 267) e a teorização de Benveniste aparece particularmente evidenciada: “*Il n'y a d'allocutaire qu'à condition qu'on*

¹¹ O alocutivo se comporta de maneira análoga ao locutivo, sendo que um é, para assim dizer, espelho do outro. Para o delocutivo, o problema é mais complexo e mantém, parece, uma natureza propriamente gramatical. O delocutivo, apesar do nome a ele consagrado de “pessoa”, é essencialmente uma coisa, a coisa de que se fala.

lui suppose une personnalité centrale analogue à celle de je, quoiqu'absolument irréductible dans son originalité propre, comme celle même de je."¹² Dito isso, os gramáticos acrescentam ainda que o alocutário possui os instrumentos *tu* e *te* para exprimir a *pessoa tênue*, que são *simétricos* aos instrumentos *je* e *me* e um instrumento *toi* *simétrico* de *moi* para exprimir a *pessoa densa*. Há aí uma semelhança notável com a situação dialógica de interdependência mútua entre *eu* e *tu* desenvolvida por Benveniste.

Em Benveniste, essa oposição radical entre as duas primeiras pessoas em relação à terceira (a *não-pessoa*) é abalada e prenuncia seu desfalecimento em seu famoso artigo *O Aparelho Formal da Enunciação*, publicado em 1970. A alteridade e a enunciação se tornam componentes constitutivos e integrantes da língua em sua totalidade, deslocando o centro de referência da oposição entre a correlação de subjetividade *eu-tu* e a *não-pessoa* objetivada *ele*, para a referência globalizante do sujeito e de sua enunciação. Segundo Benveniste (2006, p. 84) no citado texto, "*Toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocução, ela postula um alocutário. (...) A referência é parte integrante da enunciação.*" Da mesma forma, essa noção globalizante da enunciação na língua não passa despercebida de Damourette e Pichon, ao se prestar atenção na seguinte passagem que comenta especificamente a terceira pessoa (o delocutário), transcrita logo após diferenciar cada uma das três pessoas, e de afirmar que a terceira permanece inerte em sua característica primitiva de coisa:

*Dans le plan délocutaire au contraire, les personnes ont subi une unification; le locuteur et l'allocutaire ne figurent plus en tant que tels, mais en tant que cas particuliers du délocutif. Le système strumental fonctionne au complet. Mais il y a un locutif et un allocutif différenciés qui marquent que l'esprit n'est pas dupe de l'assimilation discursive de deux personnes vives au délocuté.*¹³ (Damourette e Pichon, 1911-40, p. 252)

Os gramáticos, dessa forma, afirmam a existência, ainda que não evidente, de uma *assimilação discursiva* de duas pessoas no interior do delocutado, ou seja, da terceira pessoa. É uma maneira de Damourette e Pichon reconhecerem que a enunciação e o dialogismo são componentes constitutivos e integrantes da língua, tal como posteriormente faria Benveniste a partir de seu artigo *O Aparelho Formal da Enunciação*. Essa generalização da alteridade enunciativa, que inevitavelmente implica um sujeito em todo ato de linguagem, é também encontrada em um comentário de Damourette e Pichon (1911-40, p. 245) sobre o pronome pessoal plural *vous* (vós, vocês): "*Vous, ce n'est pas toujours plusieurs toi, c'est toi plus une ou plusieurs autres personnes à coup sûr non locutives, mais qui peuvent*

¹² O alocutário apenas existe na condição de supomos nele uma personalidade central análoga àquela de *je*, absolutamente irreduzível na sua originalidade própria, como aquela de *je*.

¹³ No plano delocutário, ao contrário, as pessoas passaram por uma unificação; o locutor e o alocutário não estão representados ali, mas apenas em casos particulares do delocutivo. O sistema instrumental funciona de forma completa. Mas há um locutivo e um alocutivo diferenciados que evidenciam que o espírito não é ignorante sobre a assimilação discursiva de duas pessoas vivas ao delocutado.

n'être pas allocutives."¹⁴ Assim, a dimensão do Outro aparece inscrita em todo e qualquer ato de linguagem, e não apenas naqueles centrados na relação entre a primeira e a segunda pessoa.

4. BENVENISTE CONTRA DAMOURETTE E PICHON

Fato é que, a despeito dessa leitura que une Benveniste a Damourette e Pichon, textualmente o que se vê no lingüista da enunciação é um movimento oposto de crítica e de ruptura com os gramáticos franceses. Em *O antônimo e o pronome em francês moderno*, Benveniste contesta severamente a disjunção proposta pelos gramáticos entre *pessoa densa* e *pessoa tênue*. Essa crítica é dissecada em uma longa nota de rodapé logo na segunda página do texto, onde Benveniste demonstra que as duas séries de pronomes não são intercambiáveis entre si e que não existe coocorrência entre elas, ao contrário do que afirmava a dupla de gramáticos. O lingüista tem o cuidado de pinçar exemplos de *Des mots à la pensée* e a partir deles tecer comentários no sentido de desmentir o enunciado dos gramáticos e provar a não coocorrência entre as duas ordens de pronomes. A argumentação contestatória de Benveniste sobre as duas séries de pronomes pessoais expostas por Damourette e Pichon é resumida nas seguintes palavras:

*Uma tal distinção só seria admissível se houvesse livre escolha ou possibilidade de troca entre as duas séries de pronomes, nas mesmas posições. Como se sabe, isso jamais acontece. Je e moi não podem permutar em nenhum caso. Falar, então, em 'pessoa fraca' e 'pessoa forte' é somente fantasiar com noções psicológicas uma realidade lingüística insuficientemente descrita.*¹⁵ (Benveniste, 2006. p. 202)

As pessoas tênues e densas, de acordo com a exposição de Benveniste, são rígidas e se diferem por seu comportamento sintático e por suas capacidades combinatórias, e não submetidas à vontade e à escolha do locutor. O que não deixa de causar estranheza é a flagrante contradição de Benveniste no decorrer da sua exposição. Logo após se ocupar de demonstrar a completa impossibilidade de intercâmbio e coocorrência entre as duas séries de pronomes pessoais, o próprio Benveniste reconhece e demonstra explicitamente sua existência no caso da terceira pessoa:

É igualmente ao estatuto "onomástico" dos antônimos que nós relacionamos uma particularidade sintática da 3ª pessoa. Enquanto que MOI (TOI) exige sempre a retomada por je (tu) antes da forma verbal pessoal, LUI pode tanto ser retomado por il quanto ligar-se diretamente à forma verbal: "MOI, j'ai parlé tout le temps, lui n'a rien dit". Não se trata, como parecem crer, de uma licença de uso, mas de uma dupla possibilidade, ambas igualmente lícitas. (Benveniste, 2006. P. 205)

¹⁴ "Vós" não é sempre muitos "tu", é "tu" mais uma ou várias outras pessoas certamente não locutivas, mas que podem não ser alocutivas.

¹⁵ *Pessoa fraca* é o mesmo que *pessoa tênue* e *pessoa forte* é o mesmo que *pessoa densa*.

Há nessa passagem uma concordância, ainda que implícita, com as palavras de Damourette e Pichon tão severamente criticadas apenas duas páginas anteriormente. Benveniste reconhece, assim, que *lui*, na medida em que assinala a terceira pessoa, pertence ao *paradigma das formas permutáveis* que servem de sujeito a uma forma verbal da terceira pessoa, conclusão que abala a força de sua contestação e crítica desferida contra a dupla de gramáticos. Em suas palavras, *lui*, reportando-se à terceira pessoa, como todo nome próprio ou substantivo, pode substituir o pronome, como atesta o outro exemplo: *Lui seul est venu*, que pode substituir *il seul est venu*.¹⁶

A respeito dessa questão sobre a coocorrência ou não dos dois tipos de empersonamentos, Benveniste parece demonstrar, ao contrário da dupla de gramáticos, pouca sensibilidade para o caráter fabulatório da língua e sua relação com o inconsciente. A leitura atenta da longa nota de rodapé, redigida por Benveniste para contestar a argumentação de Damourette e Pichon, mostra que o centro de suas críticas se assenta no fato de os gramáticos buscarem exemplos retirados de situações da oralidade. O primeiro deles é criticado por ser enunciado por uma pessoa de quem nem a origem e nem o grau de cultura são indicados. Benveniste afirma que o “*moi emmenais*”¹⁷ do exemplo nunca se ouve na vida cotidiana e se trata de *um equívoco fortuito ou de um desvio individual*. O segundo exemplo¹⁸ apresenta, em suas palavras, omissão do *je* antes do *ai* por despreocupação com regras do bem dizer e uma falsa analogia de construção em que o relativo é separado do verbo. Damourette e Pichon parecem valorizar em seus exemplos justamente o que Benveniste aponta como incorreto: aquilo que na oralidade se apresenta como equívoco, como lapso e como marca do uso individual da língua.

Arrivé (1999) argumenta que esses exemplos orais e vizinhos do lapso são marginais e apenas confirmam, pelo efeito do desvio que produzem, a própria regra que infringem: formas tênues e formas densas estão em distribuição complementar. Polêmicas à parte, não deixa de ser notável a importância que os gramáticos conferem ao ato falho e à invenção na linguagem oral, que surgem não apenas nesses exemplos, mas em diversos outros no decorrer dos sete volumes de *Des mots à la pensée*. Essa importância dada ao caráter inventivo da língua é atribuída até mesmo aos fatos etimológicos e diacrônicos, como se pode ler no capítulo *Sexuisemblance du substantif nominal*. Nesse capítulo, os gramáticos partem da hipótese de que o fato de os substantivos do francês serem masculinos ou femininos se apóia nas *conveniências poéticas e metafóricas* do espírito da língua e que a causa dessa bipartição de gêneros é, em suma, uma *causa psíquica*. A língua, no prosseguimento do citado capítulo, é descrita como possuidora de um *gênio metafórico*, ou ainda, de um *instinto metafórico generalizado* em que, no processo de criação de novas palavras, o parentesco semântico intervem diretamente, demonstrando uma aptidão metafórica da língua em harmonia com

¹⁶ Ele veio sozinho.

¹⁷ “Valentin nous avait invités à dîner, et moi emmenais, naturellement, Pollet et sa femme.” (Benveniste, 2006, p. 202)

¹⁸ “moi, qui suis l’affaire et qui la connais, ai” (Benveniste, 2006, p. 202).

o sentido. Língua, criação metafórica e poesia se encontram assim solidicadas de forma íntima para Damourette e Pichon (1911-27, p. 336): “*La langue crée ses métaphores de façon vraiment poétique, c’est à dire adaptée aux nécessités des anthèses plus ou moins particulières qu’elle veut souligner.*”¹⁹

5. DAMOURETTE E PICHON, BENVENISTE E LACAN: UMA INTERSEÇÃO

São apresentados agora os dois tipos de *empersonamento* (ou pessoas) identificados no francês pela dupla de gramáticos: o *empersonamento ténue* (*empersonnement ténu*) e o *empersonamento denso* (*empersonnement étouffé*). Esses dois tipos de empersonamentos se articulam diretamente com as duas séries de pronomes pessoais do francês, que são os *pronomes pessoais aglutinativos* (*je, tu, il/elle*) e os *pronomes pessoais independentes* (*moi, toi, lui, elle*). Em linhas gerais, os pronomes pessoais aglutinativos são aqueles diretamente ligados ao verbo, ao contrário dos pronomes pessoais independentes, sempre situados no exterior da relação com o verbo. Os *pronomes pessoais aglutinativos* demonstram que a pessoa é gramaticalmente caracterizada por ser subjulgada ao verbo próximo, do qual ela cumpre sua função própria de locutor, alocutário ou delocutado. Os *pronomes pessoais independentes*, por sua vez, têm uma sintaxe muito próxima da sintaxe nominal: não se declinam e não se subjulgam à conjugação verbal. De acordo com os gramáticos, define-se assim *empersonamento ténue* como aquele que se exprime pelo aglutinativo e *empersonamento denso* como aquele que se exprime pelo independente. O empersonamento ténue é ainda aquele que reduz a pessoa ao que faz a sua essência gramatical essencial, ou seja, de pessoa gramatical. Em contrapartida, é o *empersonamento denso* que confere amplitude à personalidade da pessoa, nos momentos em que a pessoa é considerada em relação ao mundo exterior ou introspectivamente, nos moldes de um panorama complexo. A pessoa densa dominante, nas palavras de Damourette e Pichon, coloca em causa o mais íntimo de sua personalidade, associando-a à personalidade dominada.

O conceito do que é uma qualidade *psíquica* se faz crucial na reflexão dos gramáticos sobre o empersonamento, o que os coloca na trilha da psicanálise e do pensamento freudiano vigente na época. O *eu* (*je*) recebe por parte de Damourette e Pichon (1911-40, p. 256) o nome de *instância psíquica central*, o que inevitavelmente remete às construções freudianas sobre a constituição do *eu*: “*Devant l’instance psychique central, je, le moi global apparaît avec tous ses caractères concrets: il n’y a pas entre eux de consubstantialité absolue; le verbe n’est pas à la voix réfléchie.*”²⁰

¹⁹ A língua cria suas metáforas de forma verdadeiramente poética, ou seja, adaptada às necessidades das antíteses mais ou menos particulares que ela deseja destacar.

²⁰ Diante da instância psíquica central eu (*je*), o eu (*moi*) global aparece com todas suas características concretas: não há entre eles uma unidade de substância absoluta; o verbo não está na voz reflexiva.

Para Damourette e Pichon, o caráter egocêntrico da língua é a origem da concepção da pessoa *eu (je)* como elemento central da linguagem. A referência ao “*penso, logo sou*”²¹ de Descartes se faz explícita pelos gramáticos, fundamentando a pessoa locutiva como a primeira e a mais essencial das substâncias lingüísticas, e garantindo ao locutivo uma preminência no grupo de pessoas da qual ele faz parte. É interessante destacar que a questão levantada pela dupla de gramáticos desemboca no embrião de uma teoria do discurso, ao lembrar o leitor que a presença de uma pessoa que escuta é obrigatória seja na mais elevada ou na mais humilde das conversações, o que garante à simples presença da pessoa *eu (je)* a imposição da presença do alocutivo. O locutor, por si só, implica a existência do alocutivo.²² Constatação bastante semelhante pode ser encontrada no artigo *O aparelho formal da enunciação* onde Benveniste (2006, p. 84) assim descreve: “...*desde que ele se declara locutor e assume a língua, ele implanta o outro diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro. Toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocação, ela implica um alocutário.*”. A junção entre o psíquico e a linguagem surge ao se trazer exemplos de frases que, apesar de serem contrárias às prescrições da gramática normativa, se explicam *psicologicamente* de maneira satisfatória.

Esse tipo de frase contrária à prescrição da gramática é mais facilmente observável na linguagem das crianças e é a partir dessa linguagem infantil que Damourette e Pichon constróem algumas observações sobre a instância lingüística do *eu (je)*. Os gramáticos demonstram uma sensibilidade bastante apurada ao observar que, se o plano locutário é o mais primitivo, a criança mantém uma concepção exageradamente objetiva ao passar para o plano delocutário, onde a sua pessoa é mentalmente representada como se fosse um objeto exterior. Trata-se daquele momento da estruturação psíquica onde a criança designa a si mesmo por seu nome, ou seja, na terceira pessoa, como demonstra esse exemplo retirado dos gramáticos: “*Etienne verra Maman tout-à-leure.*”²³ Nesse momento, a criança não reconhece o locutivo (a pessoa que fala) e nem o alocutivo (a pessoa a quem se fala) e fala de si mesma no delocutivo. O emprego do *eu (je)* é finalmente atingido pela criança de uma forma progressiva, como demonstra essa outra frase infantil: “*Je reprendrai.*”²⁴ Essa assimilação e apropriação progressiva da estrutural pessoal do *eu (je)* é descrita por Damourette e Pichon em termos psíquicos de possível inspiração freudiana:

Quand la finesse psychologique devient suffisante pour que l'enfant acquière, dans son sentiment linguistique, la notion que, quoi qu'on fasse, on ne saurait se considérer soi-

²¹ Je pense, donc je suis. (Damourette e Pichon, 1911-40, p. 269).

²² No original: “*Si, d'autre part, nous considérons (...) quela présence d'une personne qui écoute est obligatoire pour la plus élevée comme pour la plus humble des conversations, il est également naturel que lorsqu'il est lui même absent du groupe support du phénomène envisagé, le locuteur impose à ce groupe la prééminence de l'allocutif.* (Damourette e Pichon, 1911-40, p. 269).

²³ Etienne já já vai ver a mamãe. (Damourette e Pichon, 1911-40, p. 268).

²⁴ Eu pegarei de novo. (Damourette e Pichon, 1911-40, p. 268).

même psychologiquement comme un objet de même ordre que ceux du monde extérieur, le je apparaît. (Damourette e Pichon, 1911-38, p. 398)²⁵

A sensibilidade dos gramáticos para a questão chega a ser clínica, pois não fogem à sua observação os diversos percalços sofridos no desenvolvimento da linguagem infantil até a plena posse do pronome pessoal *eu (je)*. Damourette e Pichon registram que o emprego do nome próprio persiste por certo tempo após a aparição do pronome *eu (je)* e que, durante esse período, o pronome *eu (je)* aparece em frases com forte tom afetivo, da mesma forma que o nome próprio é reservado às frases puramente constativas.

Apoiados em constatações como essa, a dupla de gramáticos conclui que o *eu (je)* é a expressão da legítima compreensão da posição especial do locutor no mundo em relação ao seu próprio pensamento. Mais ainda, a distinção entre o *eu* e o *não-eu* é por eles considerada absolutamente essencial à vida do espírito do falante, da mesma forma que a distinção entre o alocutário e o resto do mundo é essencial à constituição de toda e qualquer língua: “*La loi de hiérarchisation des personnes nous enseigne en somme à quelle profondeur les notions de locuteur, d’allocutaire et de délocuté ont leurs racines dans l’esprit humain.*”²⁶ O *eu* como a marca da subjetividade e da enunciação nos fatos de linguagem, tão plenamente desenvolvido por Benveniste em *O aparelho formal da enunciação*, pode ser resumido em uma única frase de Damourette e Pichon (1911-40, p. 268): “*Le je est, dans le sentiment linguistique, la marque qu’il a été renoncé à um illégitime excès d’objectivité.*”²⁷

Damourette e Pichon (1911-40, p. 263) solidificam, assim, o antagonismo entre *peessoa ténue* e *peessoa densa* em uma explícita distinção psíquica entre o exterior e o interior do sujeito falante, o que remete à clássica distinção freudiana entre o aparelho psíquico e o mundo externo. O que parece um diferencial é a maneira como a dupla de gramáticos articula essa distinção partindo de fatos da língua e da gramática, o que não ocorre de maneira tão clara e direta na reflexão freudiana: “*La personne ténue de je, me est ainsi bien plus endo-psychique, bien plus spiritualisée que la personne étoffée moi, laquelle est, jusqu’à un certain point, vue de l’extérieur comme pourrait l’être une autre substance.*”²⁸

Essas reflexões permitem uma melhor compreensão da forma como os processos de subjetividade e enunciação estão entranhados no próprio pensamento gramatical, desestabilizando a clássica divisão ente uma lingüística *hard* e uma

²⁵ Quando a fineza psicológica se torna suficiente para que a criança adquira, no seu sentimento lingüístico, a noção de que, seja o que for que alguém faça, não se saberia considerar a si mesmo psicologicamente como um objeto da mesma ordem daqueles do mundo exterior, o *eu* aparece.

²⁶ A lei de hierarquização das pessoas nos ensina, em suma, de que maneira profunda as noções de locutor, alocutário e delocutado são enraizadas no espírito humano. (Damourette e Pichon, 1911-34, p. 444).

²⁷ O *eu (je)* é, no sentimento lingüístico, a marca da renúncia a um ilegítimo excesso de objetividade.

²⁸ A *peessoa ténue de je, me* é então bem mais endo-psíquica, bem mais espiritualizada que a *peessoa densa moi*, que é, até certo ponto, vista do exterior como se pudesse ser uma outra substância.

MACHADO – A gramática de Damourette e Pichon...

lingüística *soft*. O pensamento gramatical, diferentemente do que pode a princípio parecer, não se furta de participar da constituição do sujeito da linguagem e da própria constituição do sujeito do inconsciente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIVÉ, M. (1999). *Linguagem e Psicanálise, Lingüística e Inconsciente: Freud, Saussure, Pichon, Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BENVENISTE, E. (2006). *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas: Pontes.

_____. (2005). *Problemas de lingüística geral*. Campinas: Pontes.

DAMOURETTE, J., PICHON, E. (2005). Sobre a significação psicológica da negação em francês. In: *Recordar; repetir; elaborar*. Publicação online.

_____. *Des mots à la pensée: essai de grammaire de la langue française*. Tomo I. Paris: Éditions d'Artrey, 1911-27.

_____. *Des mots à la pensée: essai de grammaire de la langue française*. Tomo IV. Paris: Éditions d'Artrey, 1911-34.

_____. *Des mots à la pensée: essai de grammaire de la langue française*. Tomo VI. Paris: Éditions d'Artrey, 1911-40.

LACAN, J. (2005). *Seminário 6: O desejo e sua interpretação*. Recife: Traço Freudiano. (publicação online) <http://www.traco-freudiano.org/tra-lacan/desejo-interpretacao-index.htm>

_____. (1985). *Seminário 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.